

# NOVAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS FRENTE ÀS HUMANIDADES DIGITAIS: A CONSTRUÇÃO DE ACERVOS DIGITAIS COMO SUPORTE PARA AS *DIGITAL HUMANITIES*

## NEW INFORMATIONAL PRACTICES FACE TO DIGITAL HUMANITIES: BUILDING DIGITAL COLLECTIONS AS SUPPORT FOR DIGITAL HUMANITIES

Renan Marinho de Castro<sup>a</sup>  
Ricardo Medeiros Pimenta<sup>b</sup>

### RESUMO

**Introdução:** O artigo aborda as Humanidades Digitais enquanto um campo de novas práticas informacionais sobre as quais a área da Ciência da Informação precisa refletir. **Objetivo:** Explora a característica interdisciplinar de ambas as áreas apresentando uma tentativa de definição da nova área emergente para criar um recorte conceitual que possa ser cruzado com a Ciência da Informação. **Metodologia:** Analisa a transformação de um acervo em seu suporte tradicional para uma forma digital. Como estudo de caso, analisa a digitalização do acervo de arquivos pessoais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil e pontua que a área arquivística apresenta maiores complexidades para o gerenciamento da informação devido às características do suporte documento e sua grande carga de informações agregadas. **Resultados:** Aproxima o debate dos novos fazeres das áreas informacionais tradicionais com a manifestação praxiológica das humanidades digitais. **Conclusão:** Conclui que a transformação de suportes tradicionais em coleções digitais projeta o acesso além de criar novas formas de utilização da informação, caracterizando tal práxis como parte integrante do que vem se denominando Humanidades Digitais.

**Descritores:** Humanidades Digitais. Mediação digital. Digitalização. Acervos digitais. Informação.

---

<sup>a</sup> Doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ). Analista do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV). E-mail: renan.castro@fgv.br

<sup>b</sup> Doutor em Memória Social (2010) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ). E-mail: ricardopimenta@ibict.br

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo se propõe analisar o uso de um acervo de natureza arquivística replicado digitalmente. Suas características de tratamento e organização baseadas nos padrões e normas da arquivística conferem a essa coleção o *status* de fontes de informação devidamente organizadas e recuperáveis, assim disponíveis à pesquisa. Com o acervo digital seguindo todos os padrões tradicionais de organização previstos nas teorias da Ciência da Informação (CI) sua postulação enquanto corolário das Humanidades Digitais é inevitável. Afinal, é na digitalização de documentos e fontes primárias que reside o gene das Humanidades Digitais, anteriormente conhecidas, segundo Svensson (2009), como *Humanities Computing*.

Dessa forma nossa intenção é conjugar o arcabouço conceitual e seu respectivo vocabulário, próprio das Humanidades Digitais, representadas aqui pela análise de um acervo arquivístico espelhado digitalmente, de forma a provocar ressonâncias ao campo da Ciência da Informação. Além disso, a análise da potencialização do uso desse conteúdo pelos usuários. Assim julgamos contemplar dois eixos centrais do arcabouço teórico das Humanidades Digitais através de uma abordagem própria dessa área, considerando a constituição das fontes bem como seu uso, tendo como ponto de partida e chegada uma perspectiva da Ciência da Informação.

## 2 HUMANIDADES DIGITAIS NUM ESBOÇO CONCEITUAL PRELIMINAR

As Humanidades Digitais vem se projetando no contexto da sociedade da informação diante da realidade, característica das últimas duas décadas, de sua explosão informacional com foco nas fontes de informação digitais. A área recém-criada, já se apresenta como um campo importante que se desenvolve muito rapidamente através do crescente aumento de centros acadêmicos dedicados à temática e projetos de Humanidades Digitais (HD). Afinal, ela se criou pela necessidade de uma reflexão mais sofisticada e profunda em um lócus de intensa e crescente atividade; recentemente novo e que, com o

advento e sequente incremento das tecnologias digitais, caracterizou-se pela natureza trans e multidisciplinar. Ao surgir enquanto campo, as Humanidades Digitais já poderiam abarcar, na perspectiva da classificação, inúmeros projetos na ampla área das humanidades que já dispunham de articulações com outros campos como a computação, geografia, arquitetura da informação, informática, comunicação e ciência da informação e que simplesmente eram interpretados como projetos interdisciplinares. Projetos estes que, pela perspectiva das HD já não poderiam ter suas questões reduzidas a uma única disciplina ou meio de divulgação e acesso segundo Burdick (2012). A área tem sua marca política de criação pela promulgação do 'Manifesto das Humanidades Digitais' de 2010, apesar de ser muito anterior a esta data como trata Hockey (2004). Entretanto, é nesse documento que se esclarece, portanto, a motivação transdisciplinar da nova área que se fundamentava na produção de registros digitais, ou como contextualiza o manifesto “[...] na opção da sociedade pelo digital que altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos.”

O mesmo documento também constata “[...] que o digital induz uma presença mais forte dos aspectos técnicos e econômicos na pesquisa; que esta obrigação é uma oportunidade para fazer evoluir o trabalho coletivo.” Em linhas gerais a área se dedica à constituição das fontes de informação, no formato digital, para as humanidades em suas áreas temáticas próprias e conexas de sua atuação e a reflexão crítica sobre tal fenômeno. Numa abordagem geral acerca das Humanidades Digitais podemos considerar que

As humanidades digitais referem-se ao conjunto das Ciências Humanas e Sociais, às Artes e às Letras. As humanidades digitais não negam o passado; apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, saber fazer e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital. As humanidades digitais designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências Humanas e Sociais. (DACOS, 2011, não paginado).

Com efeito, podemos igualmente afirmar que as Humanidades Digitais surgem para dar conta de uma realidade contemporânea de presença tecnológica no âmbito das fontes tradicionais de informação, antes usufruídas

apenas em seu formato físico, além da produção documental já nascida digital. Esta produção, ainda, representa *lato sensu* um fenômeno informacional e comunicacional próprio da cultura digital erigida nos últimos vinte anos. Portanto, acaba por tratar-se de um movimento que, ao impactar a área das ciências humanas e sociais, levam os pares a percepção de que muitas pesquisas gradativamente passam a ser mediadas pelas tecnologias. Desde seu processo de investigação no campo até o momento de confecção textual monográfica ou mesmo de produção de um dado produto proveniente da mesma pesquisa. Amparadas pela digitalização, a tendência irreversível de criação de fontes digitais colocou às ciências humanas o desafio de incorporar novos métodos à sua tradicional metodologia de pesquisa. Como exemplo, cabe apontar que para o jovem historiador contemporâneo, há de se desenvolver as competências informacionais necessárias para a lida com interfaces digitais e dados por vezes não trabalhados. O próprio estado ao produzir documentos nos dias atuais os produz em meio digital. E como será o acesso a eles? Haverá acesso? Apesar do fácil descarte via tecla “*delete*”? As estruturas dos arquivos públicos continuarão a guardar tais documentos e a ciceronear seu acesso à população? E ao jovem historiador, o currículo de sua formação mostra-se suficiente para lidar com fontes e documentos em formato tão diverso? Da mesma maneira, como outro exemplo, as formas de produção de conhecimento e informação técnico científica não mais se encapsulam no texto monográfico. *Softwares*, aplicativos e formas heterogêneas de publicação em formato digital nos convidam à reflexão de como nos preparamos e de como dar continuidade ao amplo desenvolvimento de tais práticas na atualidade e no futuro próximo. Esses desafios implicam em uma nova forma de trabalhar, tornando essencial sua reflexão pelos envolvidos nela.

Fica-nos, assim, evidente a inclinação de que a noção geral sobre as Humanidades Digitais possui vertentes implícitas na direção dos estudos informacionais tão característicos da Ciência da Informação. Essa ideia, somada à interdisciplinaridade, nos motiva à busca de relações entre as duas disciplinas. Ainda assim sua existência fundamentada na questão do digital remete as áreas a um núcleo comum, a uma interseção que sobrepõe as duas

lógicas conceituais. Nesse sentido esta abordagem se inspira na percepção de uma visão sobre os estudos dos usos da informação na nova realidade tecnológica e digital que parecem refletir, pelas Humanidades Digitais, em uma abordagem dessa temática realizada externamente à Ciência da Informação.

Para Russell (2011), por exemplo, as Humanidades Digitais são um termo para esse novo campo interdisciplinar que procura compreender o impacto e a relação de tecnologias da computação no trabalho de pesquisadores na área de humanas. Assim, percebemos que a área surge a partir da efetivação do uso das tecnologias, de modo muito especial aquelas para a utilização do digital, que por sua vez acabaram por viabilizar um novo cenário de pesquisa para os seus inquiridores provenientes das ciências humanas. Não obstante, e não a reduzindo apenas a isso, as Humanidades Digitais podem ser consideradas,

Um campo de estudo, pesquisa, ensino e inovação preocupados com a interseção da computação com as disciplinas da área de humanas. É por natureza metodologicamente interdisciplinar em sua abrangência. Tratando de pesquisa, análise, síntese e disponibilização da informação em formato eletrônico. Estuda como estes elementos afetem grande parte das disciplinas em que se encontram presentes e o que estas disciplinas têm a contribuir para o nosso conhecimento em formato computacional (KIRSCHENBAUM, 2010, p. 2).<sup>1</sup>

Mesmo caminhando largamente em termos de produção acadêmica, as Humanidades Digitais ainda concentram-se em práticas de implementação de projetos de disseminação de conteúdos digitais. Faz-se saber: de informação para a produção do conhecimento mediado pelas interfaces digitais. Portanto, entendemos que essas práticas, estando ou não inseridas em contextos informacionais como as bibliotecas ou centros de documentação, podem usufruir de uma abordagem característica da Ciência da Informação.

Autores como Fitzpatrick (2012) defendem que as Humanidades Digitais caracterizam-se por uma robusta área de pesquisa e ensino, que está centrada não apenas na prática do digital, mas também no compromisso de teorizar

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

esse movimento. De fato, para Dijck (2007), ao considerarmos o fenômeno tecnológico e cultural ligado às formas como interagimos em sociedade por meio das mediações - potencializadas pelas tecnologias digitais, memória, conhecimento, informação e acesso - passam a compor um rol significativo de domínios das humanidades cujo impacto dessas tecnologias e de seus recursos digitais podem transformar a maneira como nos relacionamos com nossos próprios saberes em constante construção. Ainda com relação a Fitzpatrick (2012), a área estaria marcada por um distanciamento entre os que se envolvem com a prática da área e por outro lado aqueles que se dedicam a interpretação dos novos movimentos. Segundo o mesmo, ainda existe uma tensão entre os que identificam a *digital humanities* como uma divisão entre estudiosos que utilizam as tecnologias digitais no estudo de objetos tradicionais e aqueles que usam os métodos das humanidades apenas no estudo de objetos digitais.

### **3 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ANTE AS TIC'S: PRÁTICAS TRADICIONAIS E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS REALIDADES INFORMACIONAIS**

As tecnologias da informação foram responsáveis por profundas transformações nas atividades humanas impactando principalmente a produção da informação, a percepção de seu valor e as maneiras como se produzirá conhecimento a partir desse novo cenário em profusão. Esse movimento propiciou o que se convencionou chamar de 'sociedade da informação', por ter centrado nesse objeto o valor estratégico que "moveria", que daria dinamicidade, à sociedade. A ideia de uma sociedade dita "da informação" foi compartilhada por Castells (2001), onde o mesmo pontua o final do século XX como o grande deflagrador do processo de construção de um novo modelo de sociedade que conjuga seres sociais, tecnologia, informação e conhecimento. Para ele, o ponto de partida dessa mudança de paradigma está situado no final do século passado, pois desde então estamos vivendo um raro momento na história, cuja característica é um modelo tecnológico que se organizou em torno da tecnologia da informação. Esse processo compreende

um acompanhamento e investimentos constantes na evolução de ferramentas que possibilitem o melhor aproveitamento da informação.

A título de esclarecimento, compreendemos que historicamente toda a sociedade humana sempre foi uma sociedade da informação no sentido que o conhecimento humano sempre esteve pautado em formas de registro e controle de como se compartilharia ou acessaria tais registros. No entanto, com a era digital, impulsionada pelo surgimento da internet, é válido considerar que um novo paradigma informacional ganha a cena juntamente com as mediações que a tecnologia, que lhe dá o suporte material, propiciou.

Esse novo ambiente no qual a informação é por um lado matéria-prima, e por outro capital, tendo como principal efeito a alta penetrabilidade das tecnologias nas ações humanas, associadas ao predomínio da lógica de redes conferiu, em especial à Ciência da Informação, uma vasta oportunidade de crescimento e atuação. Com a informação assumindo importância crescente na sociedade contemporânea, reconhecidamente associada ao poder econômico e cultural, ajuda a entender, em linhas gerais, como a entidade informação adquiriu o *status* que conhecemos atualmente. De certo, segundo Pimenta (2016), afirmamos que sua circulação e a própria detenção dos meios de sua produção e regulação de seu acesso, tanto em sua estrutura virtual como aquela física, constituem-se hoje como capitais da maior grandeza, pois ditam *lato sensu* a circularidade e consumo de outras formas de capitais na sociedade em rede. Sua projeção como uma engrenagem fundamental tanto quanto o próprio capital, criou as bases para o que hoje podemos denominar como sociedade da informação. Na visão de Capurro e Hjørland (2007) a sociedade atual atinge esse patamar, basicamente, ao estar caracterizada pela convergência desses fatores com as tecnologias da informação e seus impactos globais.

Mas é na Ciência da Informação que esse processo serve de marco de projeção especial desse campo. Atuando diretamente na explosão dos fluxos informacionais no qual o modelo de sistema social está baseado na informação, o que se pode denominar de sociedade da informação contribuiu para que a CI tivesse sua importância e atuação renovadas. Desde os

primórdios da atuação das práticas tradicionais na relação com a organização e recuperação da informação, que até então resumiam o campo, foi neste contexto que a Ciência da Informação inspirando-se na interdisciplinaridade com matemática e na comunicação, criou abordagens contemporâneas para o trato informacional. Um exemplo desse fenômeno foram as reflexões sobre as “metrias” e do conceito de regime de informação.

Todavia os impactos não foram concretizados apenas pelas novas reflexões conceituais ligadas intimamente a esse evento, mas também as práticas tradicionais em suas conhecidas abordagens sofreram alterações em suas esferas conceitual e prática. Novos conceitos como “competência em informação” de acordo com Vitorino e Piantola (2009) podem ser considerados como provenientes das novas possibilidades de interfaces que se apresentam neste novo ambiente de estreitamento da relação com o usuário. Sabe-se, portanto, que a aplicação maciça da tecnologia na realidade das unidades de informação impactou diretamente os estudos de usuários que além de ganhar novo fôlego, conduziram as reflexões conceituais para a esfera cognitiva e da mediação por tecnologia. Nesse espectro o conceito de mediação, antes relegado ao universo da leitura, agora passa ter importância singular com a utilização de tecnologia nas práticas de acesso, produção e transferência de informação.

Esse mesmo movimento foi ainda mais crucial para a relação dos usuários no universo arquivístico. Para Velloso (2008) os usos da informação e as relações entre usuários e serviços arquivísticos vêm sendo modificados, de maneira mais intensa, a partir dos anos 1990. Ela identifica o surgimento de novos usos baseados em novas exigências informacionais no campo arquivístico, impactando os serviços e profissionais da área. Também apresenta esse processo como estimulador de uma reconstrução dos instrumentos de recuperação da informação, da representação dos conteúdos dos acervos e das formas de comunicação com os usuários. (VELLOSO, 2008, p. 54). Para a autora, é neste contexto que se fortalece a preocupação com o usuário da informação arquivística, quando as conexões entre esses usuários, arquivistas e acervos passam a ser objeto de interesse das instituições de



arquivo. O desenvolvimento da comunicação entre demandas informacionais do usuário e os serviços arquivísticos contribui para a revisão do próprio trabalho do arquivista.

De acordo com Sá e Santos (2004), com a emergência de espaços informacionais virtuais, por exemplo, os serviços de informação arquivística na *web* devem estar centrados no usuário procurando satisfazer as suas necessidades por informação. Para as autoras, a *internet* configurou uma quebra de paradigma também no campo da referência arquivística, já que os serviços passam a ser disponibilizados na rede. Para elas, essa mudança de paradigma determina a revisão do conceito de usuário, que agora se apresenta, sobretudo como virtual ou remoto. Assim surgiria a virtualização da relação entre usuários e profissionais — cenário já explorado no campo biblioteconômico, através dos estudos sobre o conceito de serviço de referência digital. As autoras reafirmam a complexidade do tema, para elas esse novo cenário tornou os usuários mais exigentes e autônomos em suas buscas, trazendo novas demandas e fazendo solicitações à distância. Assim surge a virtualização da relação entre usuários e profissionais, fenômeno peculiar que credencia certas práticas do universo arquivístico enquanto Humanidades Digitais.

#### **4 APLICAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NOS FAZERES INFORMACIONAIS: UMA CONSTRUÇÃO MAQUÍNICA DAS HUMANIDADES DIGITAIS**

As transformações no tratamento informacional passaram a ser sentidas pelas unidades de informação basicamente a partir da disseminação dos computadores. A década de 90 e, sobretudo a chegada dos anos 2000, são momentos importantes desse movimento na realidade brasileira. Há pouco mais de 20 anos o Brasil deu seus primeiros passos no universo da internet.

Em 1987 a primeira conexão era realizada entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e instituições acadêmicas norte-americanas. Em 1990 foi criada a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), por iniciativa do antigo

Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), com o objetivo inicial de prover o acesso à internet no Brasil. Cerca de quatro anos mais tarde surgiria a *internet* comercial brasileira através da Embratel, ainda em caráter experimental.

Com efeito, a escala cada vez mais crescente de acesso à *internet* também ajudaram a explicar esse movimento irreversível de incorporação das práticas informáticas ao cotidiano das unidades de informação.

As realidades de centros de informação, bibliotecas, arquivos e até mesmo museus vão sendo afetados por essa inovação cada qual a sua medida e possibilidades particulares. De toda forma, o que simboliza o marco inicial da efetivação dessa mudança de paradigma são os sistemas de gestão automatizados da informação, que possibilitam maior velocidade nas buscas e um maior gerenciamento dos acervos. Esse processo foi marcado, basicamente, pela migração das fichas catalográficas para os sistemas de bases de dados. Verificou-se nesse movimento o principal marco na transformação das práticas corriqueiras essencialmente manuais em automatizadas informaticamente.

Como desdobramento desse processo, temos atualmente, o crescimento do suporte digital que marca cada vez mais presença entre as tipologias informacionais. Essa concretização influenciou uma progressiva naturalização da digitalização de suportes até então palpáveis, como forma de responder tanto às questões de preservação física desses suportes tradicionais como a potencialização do acesso, através da disseminação *online* de conteúdos digitalizados. A gradativa presença desses suportes nas coleções impôs novas temáticas de trabalho como também cultivou o alicerce para as Humanidades Digitais.

Nesse contexto, as Humanidades Digitais se colocaram a refletir essas questões considerando as atividades exercidas no campo da informação conjugadas com as facilidades do uso das tecnologias. Partindo, portanto, das reflexões já trabalhadas sob a perspectiva da Ciência da Informação, mas, agora, com vistas a contribuir com o que se projeta como um novo campo. Essas atenções agora se voltam especialmente para o universo instrumental do digital compreendido pelos repositórios digitais, curadoria e gestão desses

conteúdos, sua preservação e sua disseminação, além de seus impactos nas esperas de ensino e pesquisa acadêmica.

## **5 POSTULANDO FONTES HISTÓRICAS ÀS HUMANIDADES DIGITAIS**

O repositório de informação mais tradicional e pioneiro a constituir-se em uma versão virtual passível de acesso a seus conteúdos foram as bibliotecas. Pioneiras na constituição de acervos digitais, as bibliotecas podem ser consideradas como as primeiras provedoras de conteúdos enquanto subsídios para as Humanidades Digitais. Todavia, o escopo da HD não se resumiu a essa tipologia e cresceu exponencialmente na mesma medida da abrangência da realidade do digital no âmbito informacional.

Como a informação não se restringe à tipologia bibliográfica, podemos especular como esse movimento elevou outros tipos de informação que carecem de tratamento e organização metodológica a contribuir com as Humanidades Digitais. Dessa forma podemos tomar como exemplo o campo informacional da área dos arquivos e de que forma ele contribui para as Humanidades Digitais. Nesse sentido procederemos a análise de um arquivo que, seguindo as devidas normas de tratamento e organização da arquivística, cumprem as exigências de serem considerados objeto, meio ou finalidade do/para o arcabouço prático das Humanidades Digitais.

## **6 SOBRE A DIFUSÃO E ACESSO ÀS FONTES DIGITAIS NO COMPLEXO UNIVERSO DOS ARQUIVOS**

As fontes primárias de natureza histórica são consideradas fontes especializadas de pesquisa. Essas fontes atraem um público altamente peculiar, mas, como não se limitam a ele, tornam mais importantes os processos de acesso a toda essa informação. Além disso, todo o contexto que envolve o tratamento e disponibilização de conteúdos voltados para uma área específica do conhecimento possui um maior nível de complexidade.

Em contextos informacionais especializados, os profissionais de referência não podem se limitar às técnicas básicas de orientação de pesquisa.

Para Castro (2014) devem interagir com a demanda e traduzi-la em uma linguagem apropriada para interação com os acervos. Assim a constatação de uma nova realidade entre usuários, suas pesquisas e, principalmente, de recursos tecnológicos agrava ainda mais a problemática do acesso à informação no campo do arquivo. Como os recursos seguem impactando da organização dos arquivos às suas formas de acesso, se faz urgente uma nova percepção do usuário diante de suas necessidades informacionais de característica arquivística.

Segundo Stevenson (2008 *apud* MCCAUSLAND, 2011), os usuários estão cada vez mais acessando os arquivos sem um contato físico; enquanto os arquivistas se mantêm focados na fisicalidade dos documentos e seus meios de disponibilização. É nesse ponto que surge a 'nova' percepção de usuário que nos remete a uma ideia de mediação e, agora, ainda mais, de uma mediação tecnológica.

Apesar de termos, em linhas gerais, conceituações muito próximas e práticas quase idênticas para o serviço de referência nas áreas biblioteconômica e arquivística, é nesta última que o processo de referência se apresenta mais complexo. Se na realidade de acervos bibliográficos o trabalho de referência é substancialmente complexo, essa característica se projeta com maior força no contexto dos arquivos. A irregularidade dos pontos de acesso do suporte documento pode ser tomada como exemplo. Sem a definição de um título, autor, ou até mesmo a forma de representar o assunto de um conjunto documental, o trabalho do profissional de referência arquivística se configura ainda mais árduo. Sua percepção da demanda do usuário deve ser sensível à realidade do acervo. Por essa razão, é fundamental que o profissional envolvido nesse processo tenha consciência da importância não apenas de seu papel didático no tocante à recuperação da informação, mas também das peculiaridades do acervo.

A competência específica do documentalista é ser criador de uma nova rede de documentos sobre os documentos, os documentos secundários. Para isso, deverá analisar, traduzir, fazer cópias em diferentes meios, fotografar, publicar, selecionar, comparar e coordenar os diferentes gêneros de documentos. Em outras palavras, os documentos secundários são o *making* mais específico da Documentação, o verdadeiro

centro de sua força de inovação. São traduções, análises, microfilmes, sumários, enciclopédias, dossiês, bibliografias, catálogos, repositórios, boletins documentários, etc. Seria necessário pesquisar a reformulação das cadeias de tarefas da Documentação e os problemas que sua rápida transformação acarreta (BRIET, 2006 *apud* GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p. 122).

Além disso, os processos de tratamento técnico arquivístico podem ser responsáveis por certos procedimentos de ordem metodológica que levam a uma desafiante ação de recuperação da informação. Ação essa que se deve a princípios metodológicos que obrigam, por exemplo, ao tratamento de um determinado item sob a forma de conjunto documental. Desta forma um único item documental pode corresponder a um dossiê com centenas de documentos que muito provavelmente não terão como ser recuperados pontualmente. Por essa razão torna-se importante que o profissional de referência tenha alguma afinidade com as questões de organização metodológica arquivística, institucional e do próprio arquivo em análise.

Essas características nos levam a crer que o trabalho de referência em arquivos é, substancialmente, mais complexo devido à natureza dos conjuntos documentais de origem arquivística. Somam-se a este momento as questões de ordem tecnológica, que contagia, irreversivelmente, as práticas informacionais atuando como divisor de águas nas formas de acesso à informação no contexto dos arquivos.

## **7 HUMANIDADES DIGITAIS EM PRÁTICA NO ÂMBITO DOS ARQUIVOS PESSOAIS**

Para motivos de melhor compreensão daquilo que buscamos elucidar, pareceu apropriado trazermos, ainda que de forma breve, um caso cujas questões e pontos levantados até o momento pudessem ser melhor sobrepostos à luz de uma experiência concreta. Nesse sentido, o exemplo do acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) pareceu ser o melhor para o que intentamos neste artigo. Sabe-se que o referido centro possui um rico

acervo sobre história contemporânea do Brasil. Constituído de documentos privados, reúne a mais importante coleção de homens públicos da história política brasileira a partir dos anos 30. Esse acervo foi recebido, custodiado e organizado ao longo dos quase 45 anos de existência da instituição e já ultrapassa a marca de um milhão de documentos. Toda a coleção organizada encontra-se referenciada no sistema de base de dados da instituição que atende pelo nome de *Accessus*. Essa base possibilita que toda a consulta ao conjunto documental da instituição esteja disponível, integralmente na internet, para pesquisa por assunto, período, nomes etc.

Com o sistema automatizado de buscas ao acervo, centrado até então na informatização como principal instrumento de disseminação do acesso a essas fontes históricas, a preocupação volta-se para a preservação desses suportes conjugados ao incremento do acesso. Essas duas demandas poderiam ser atendidas pela opção pelo digital. Assim a instituição inicia seu processo de preservação e difusão e acesso às suas fontes através da digitalização de seu acervo.

O projeto de preservação do acervo, através da digitalização dos suportes originais, se inicia com o acervo iconográfico, que devido à fragilidade de seu suporte e a presença predominante de informação imagética, mereceu estar apto a tamanho investimento. Já em 2005 o CPDOC inaugurou a política de preservação e difusão através da digitalização de documentos de natureza arquivística com a disponibilização online e gratuita através da digitalização de uma coleção relevante de seu acervo. A iniciativa marcava o início de uma nova fase na consulta pública aos acervos da instituição.

Já no ano de 2008 a instituição inicia seu maior investimento na preservação e difusão de seu acervo com a digitalização e disponibilização online de mais de 360 mil páginas de documentos pessoais de natureza arquivística, além de cerca de 30.000 fotografias e todo passivo de itens audiovisuais<sup>2</sup>.

Posteriormente, o centro seguiu e segue buscando parcerias e projetos de fomento para continuar viabilizando as iniciativas de digitalização e difusão

---

<sup>2</sup> Ver CASTRO (2017).

do acervo do CPDOC. Como a digitalização implica em uma grande aplicação de recursos financeiros, a instituição apenas consegue colocar em prática essa política se fomentada por projetos e parcerias, razão que leva a instituição a se empenhar na obtenção de projetos de financiamento que levam à digitalização de fundos específicos ou de temáticas próprias que se enquadrem em eventuais editais.

Mesmo com esse desafio de busca por recursos, atualmente o CPDOC conta com 18 dos seus cerca de 200 fundos em sua tipologia manuscrita digitalizada, somando pouco mais de 900.000 imagens disponíveis para consulta, num universo de mais de 2,5 milhões de páginas custodiadas. Tendo 33% deste tipo de suporte disponível digitalmente na web. Além desses itens, todas as fotografias dos fundos disponíveis para consulta estão digitalizadas – aproximadamente 80.000 fotografias. Todo esse conteúdo está acessível online no portal da instituição e totalmente gratuito para acesso em geral.

Podemos resumir em dois pontos principais as ações de difusão e acesso ao acervo da instituição. Essas ações são implementadas através da busca e acesso online ao acervo do CPDOC/FGV. Atualmente essas ações são concretizadas pela busca simples e pela disponibilização da versão digital dos documentos. A ‘busca simples’ funciona baseando sua varredura na estratégia de busca booleana calcada na localização de palavras iguais. Esse tipo de busca está baseado na mesma estratégia dos buscadores da internet, que varrem um conteúdo à procura de uma palavra idêntica. Esse recurso se propõe atender à demanda por uma informação mais rápida e diversificada no acervo da instituição, compreendido não apenas pelos arquivos pessoais, mas também por outros tipos de conteúdos.

Todo esse investimento em informatização criou um ambiente virtual propício para a pesquisa e consulta ao acervo do CPDOC. A projeção que a disseminação proporciona ao acervo pelo acesso web é comprovada quando analisamos um recorte de fundos mais consultados. Escolhemos para análise o período de 2012 a 2014. Verificamos que na totalidade dos fundos organizados e disponíveis para pesquisa, dos dez fundos mais consultados, sete já estão disponibilizados digitalmente na web, através do portal da instituição.

Como a digitalização e a consecutiva liberação à consulta online se dão por fundos arquivísticos, nos é possível observar esse movimento com precisão. Tomando por análise o comportamento de acesso ao arquivo pertencente à coleção Ernesto Geisel, Castro (2017) constata que a digitalização foi capaz de torná-lo ainda mais acessado, levando-o à segunda posição ante a quarta colocação no ano anterior ao de sua disponibilização online. Outros exemplos são ainda mais relevantes, como no caso do acervo pertencente a Juarez Távora. Esse acervo ocupava a 29º posição de consulta e, após sua liberação digital na rede, passou a ocupar a 10º colocação entre os mais consultados (CASTRO, 2017). A potencialização do acesso segue incrementada pelos dados das outras coleções analisadas como no caso de Paulo Nogueira Batista que se projeta em 19º posteriormente sua 33º posição.

Todo esse aparato tecnológico oferecido pelo CPDOC/FGV aos seus usuários acaba por impulsionar para o ambiente virtual as demandas pelos serviços oferecidos como a reprodução de documentos. Castro (2017) compara, por exemplo, as solicitações de reprodução de documentos, aonde se pode notar que mais de 93% em 2011; 98% em 2012; 77% em 2013 e 78% em 2014, desse tipo de demanda, foi realizada a partir do ambiente virtual, ou seja, através do portal CPDOC sem nenhum tipo de contato presencial.

Finalizando nossa observação, atestamos que a disponibilização na web de documentos digitalizados do acervo do CPDOC/FGV é crucial para impulsionar a consulta aos arquivos. Dessa forma, a maior parcela da consulta diante a totalidade do acervo correspondente aos documentos disponibilizados digitalmente é de 57%. Ou seja, mesmo possuindo no período cronológico analisado apenas 22% do acervo digitalizado, a consulta a esse universo é de 57%. Enquanto que os outros 78% não disponibilizados no portal CPDOC correspondem por apenas 43% da demanda de consulta diante a totalidade do acervo da instituição.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos considerar como irreversível a opção pela digitalização cada vez mais generalizada das fontes de informação custodiadas pelas instituições



de característica informacional. Além de possibilitar a preservação dos suportes originais da informação expande o acesso criando novas formas de disseminação dessa informação, principalmente através da *internet*. A informação é levada ao acesso cada vez mais amplo e pode proporcionar a públicos antes alheios a esse tipo de fonte, a possibilidade de ter contato com recursos informacionais com conteúdos primários. Dessa forma, por exemplo, um site que trata de uma temática específica sobre a história do país pode ser substituído nos resultados de buscas de internet por um documento histórico. Assim, eleva-se, em termos de acessibilidade, o patamar da qualidade da informação ao mesmo nível do conteúdo predominante na *web*.

Esse processo também se torna impactante quando subsidia o ensino e a pesquisa. Com fontes primárias de informação disponíveis online as barreiras geográficas e econômicas são quebradas. Possibilitando assim que um indivíduo que reside em outro local do país que não a sede da instituição possa usufruir integralmente do acervo sem que para isso sejam necessários deslocamentos que implicariam em custos consideráveis. Da mesma forma esse repositório pode ser utilizado como recurso de ensino, suportando aulas práticas também sem necessidade de deslocamento, e oferecendo ao aluno contato direto com a fonte primária.

Assim as Humanidades Digitais contextualizam esse processo por caracterizar-se por uma robusta área de pesquisa e ensino, que também está centrada não apenas na prática do digital, mas também no compromisso de teorizar esse movimento. A área está marcada por um distanciamento entre os que se envolvem com a prática do campo e por outro lado aqueles que se dedicam a interpretação dos novos movimentos. Mesmo existindo uma tensão entre os que identificam as *digital humanities* como uma divisão entre estudiosos que utilizam as tecnologias digitais no estudo de objetos tradicionais e aqueles que usam os métodos das humanidades apenas no estudo de objetos digitais, esse é um movimento de causa e efeito que se configura com o que estamos denominando de Humanidades Digitais.

## REFERÊNCIAS

- BURDICK, A. (Ed.). **Digital humanities**. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.
- CASTRO, R. Convite a uma nova abordagem dos serviços de referência arquivística. **Arquivo e Administração**, v. 13, n. 1/2, p. 53-68, 2014.
- \_\_\_\_\_. Arquivos pessoais, disponibilização e acesso na web: o caso do CPDOC. **Revista do Arquivo**: Uma publicação online do Arquivo Público do Estado de São Paulo, v. 2, p. 1-14, 2017. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista\\_do\\_arquivo/04/pdf/CASTRO\\_\\_R\\_-\\_Arquivos\\_pessoais\\_\\_disponibilizacao\\_e\\_acesso\\_na\\_web\\_\\_o\\_caso\\_do\\_CPD OC.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/pdf/CASTRO__R_-_Arquivos_pessoais__disponibilizacao_e_acesso_na_web__o_caso_do_CPD OC.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- DACOS, M. Manifesto das Humanidades Digitais. **ThatCamp Paris**, [S.l.] não paginado, mar. 2011. Disponível em: <<https://tcp.hypotheses.org/497>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- DIJCK, J. V. **Mediated Memories in the Digital Age**. Stanford, CA: Stanford UP, 2007.
- FITZPATRICK, K. The Humanities, done digitally. In: GOLD, M. K. **Debates in the digital humanities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.
- GÓNZALEZ DE GÓMEZ, M. N. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, p. 115-134, 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/19/41>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- HOCKEY, S. The History of Humanities Computing. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, UNSWORTH, J. (Ed.). **A Companion to Digital Humanities**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2004. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-2-1>>. Acesso em: 22 out. 2016.
- KIRSCHENBAUM, M. G. What is Digital Humanities and What's it doing in English Departments? **ADE Bulletin**, n. 150, 2010. Disponível em: <<https://mkirschenbaum.files.wordpress.com/2011/03/ade-final.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

MANIFESTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS. Paris. (2010). Disponível em:  
<<http://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>>. Acesso  
em: 10 abr. 2016.

MCCAUSLAND, S. A future without mediation?: Online access, archivists, and  
the future of archival research. **Australian Academic & Research Libraries**, v.  
42, n. 4, p. 309-319, dez. 2011. Disponível em:  
<[https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00048623.2011.10722243?need  
Access=true](https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00048623.2011.10722243?needAccess=true)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

PIMENTA, R. M. As rugosidades do ciberespaço: um contributo teórico aos  
estudos dos web espaços informacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**,  
João Pessoa, v. 26, n. 2, p. 77-90, maio/ago. 2016. Disponível em:  
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/28116/16202>>. Acesso  
em: 10 nov. 2016.

RUSSELL, I. G. ¿Qué son las Humanidades Digitales?. **Revista Digital  
Universitaria**, v. 12, n. 7, jul. 2011. Disponível em:  
<<http://www.revista.unam.mx/vol.12/num7/art68/index.html>>. Acesso em: 07  
abr. 2016.

SÁ, I. P.; SANTOS, P. X. dos. Serviços de informação arquivística na web  
centrados no usuário. **Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1/2,  
jan./dez. 2004. Disponível em:  
<[http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009863/7a62017343f43cb2  
dc60f91cd4bac54b/](http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009863/7a62017343f43cb2dc60f91cd4bac54b/)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

SVENSSON, P. Humanities Computing as Digital Humanities. **Digital  
Humanities Quarterly**, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em:  
<<http://digitalhumanities.org/dhq/vol/3/3/000065/000065>>. Acesso em: 10 set.  
2016.

VELLOSO, L. M. Arquivos pessoais e documentos digitais: uma reflexão em  
torno de contradições. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.  
35-48, jan./jun. 2008. Disponível em:  
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/62312>>. Acesso em: 10  
abr. 2018.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Information literacy - historical and conceptual  
bases: constructing meanings. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 130-141,  
2009. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652009000300009>>.  
Acesso em: 17 ago. 2016.

## NEW INFORMATIONAL PRACTICES FACE TO DIGITAL HUMANITIES: BUILDING DIGITAL COLLECTIONS AS SUPPORT FOR DIGITAL HUMANITIES

### ABSTRACT

**Introduction:** The article addresses the Digital Humanities as a field of new informational practices on which the area of Information Science needs to reflect. **Objective:** Exploring the interdisciplinary characteristic of both areas this article presents an attempt to define the new emerging area to create a conceptual cut that can be crossed with Information Science. **Methodology:** It brings the debate about the new developments of the traditional informational areas with the praxiological manifestation of the digital humanities. It uses as analysis the transformation of a collection in its traditional support to a digital form. **Results:** It presents the digitization of the collection of personal files of the Center for Research and Documentation of Contemporary History of Brazil as a case of study and points to the archival area as being liable to greater complexities for information management due to the characteristics of the document support and its large load of aggregated information. **Conclusions:** It concludes that the transformation of traditional media into digital collections projects the access beyond creating new forms of information use, characterizing this movement as an integral part of what is called Digital Humanities.

**Descriptors:** Digital Humanities. Digital Mediation. Digitization. Digital Archival. Information.

## NUEVAS PRÁCTICAS INFORMACIONALES ANTE LAS HUMANIDADES DIGITALES: LA CONSTRUCCIÓN DE COLECCIONES DIGITALES COMO UNA BASE PARA LAS DIGITAL HUMANITIES

### RESUMEN

**Introducción:** El artículo analiza las Humanidades digitales como un campo de nuevas prácticas de información en la que el área de Ciencias de la Información necesita para reflexionar. **Objetivo:** Explora la característica interdisciplinaria de ambas áreas y presenta un intento de definir la emergente nueva área para crear un recorte conceptual que puede ser cruzado con la Ciencia de la Información. **Metodología:** Aborda la discusión de los nuevos hechos de áreas de información tradicionales con la manifestación praxiológicas de las humanidades digitales. Se utiliza como transformación análisis de una colección en su apoyo tradicional a una forma digital. **Resultados:** Muestra el escaneo de los archivos personales del acervo del Centro de Investigación y Documentación de Historia Contemporánea de Brasil como un estudio de caso y señala que el área de archivos como sujeto a una mayor complejidad para la gestión de la información debido a las características de soporte de documentos y su gran carga de información agregada. **Conclusiones:** Se llega a la conclusión de que la transformación de los medios tradicionales a las colecciones digitales diseño de acceso y crear nuevas formas de utilización de la información, que

caracteriza el movimiento como parte de que viene denominándose Humanidades Digitales.

**Descriptor:** Humanidades Digitales. Mediación digital. Digitalización. Digitalización de archivos. Información.